

Um diletante,
adorador abstracto da competência,
que desdenha dos competentes

É moda, entre críticos-jornalistas, fazer o elogio da Competência — em termos gerais; mas nem todos se dispõem a respeitá-la nas suas manifestações particulares.

Um escritor e jornalista (fugimos de citar-lhe o nome, para evitar personalismos) atacou com pequeno intervalo (e não sabemos se no mesmo dia) no Correio da Manhã o «Apêlo à Nação», e no Dia a ortografia oficial, em artigo que intitolou, com louvável propriedade, «Notas de um diletante» (são os diletantes confessos que fazem o elogio da Competência, atacando os competentes). A propósito do «Apêlo» fala em «retórica» e «incompetência» (!!); a reforma ortográfica, essa, parece-lhe pobre de etimologia e obra arbitrária e pessoal. Os ataques à competência são das mais graves manifestações do temperamento demagógico, que abominamos. Examinemos por isso o caso, na attitude modesta que convém à crítica.

Nas secções económica e pedagógica do Apêlo, tão técnico, sêco e rigoroso quanto é possível (mas em que os diletantes, ao que parece, descobriram

muita retórica) intervieram homens não-diletantes, como Bazilio Teles, Ezequiel de Campos, Faria de Vasconcelos e Antonio Sergio. De Bazilio nem falamos; Ezequiel de Campos é considerado hoje, pelos não-diletantes no respectivo assunto, a primeira autêntica autoridade em economia portuguesam Faria de Vasconcelos e Antonio Sergio gosa do aprêço irrestrito das autoridades estrangeiras no domínio da pedagogia. Quanto se espantariam um Decroly, um Claparède, um Ferrière, um Bovet, se soubessem que um jornalista, adorador da Competência, qualificara de retórica uma página de pedagogia firmada por êsses dois homens!

Não se limite o jornalista, aos epítetos de desdém; diga de que discorda na obra dêsses quatro homens, e porquê; se o fizer em termos claros, —alguém lhe responderá.

Pelo que respeita à ortografia, ela foi feita, entre outros, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Julio Moreira, J. Nunes, e já foi classificada, por um especialista estrangeiro, como um dos primeiros monumentos do saber filológico no mundo. Dêsse monumento, os que têm competência em alguma coisa, e todos os verdadeiros aristocratas, aproximam-se respeitosa e com passos surdos, chapéu na mão; e exprimem em voz baixa as suas discretas impressões, almoçando com desculpas qualquer reparo a que se atrevam... Os indiscretos, não: põem-se à vontade, como um novo rico: chapéu na cabeça, charuto nos dentes, ventre avançado, gesto copioso, ar magistral e voz sonora... Aconselhamos ao Dilettante que evite parecer-se com homens tais e falar de cadeira sobre questões técnicas. Diz, por exemplo, que não aceita a reforma ortográfica porque não gosta de ortografia sónica; quer ortografia etimológica, «rigorosamente etimológica». Verifica-se, pois, que ao fim de dôze anos não conseguiu perceber ainda que a ortografia oficial portuguesa não é sónica (para proporem uma ortografia sónica, seria necessário que os seus autores fossem da ignorância mais rotunda em assuntos de linguística); a ortografia oficial é etimológica, rigorosamente etimológica, como quer o sr. Dilettante. A ortografia que sua ex.^a usa, essa sim, que não é rigorosamente etimologica. Estas questões de rigor técnico, em geral, são muitissimo mais complexas do que se afiguram aos Dilettantes; porisso, hai que comprimir-se, para não fazer demagogia, e da pior. Porque chega a pontos de escrever disto: «Eu voto pela ortografia etimológica... Repito: que os competentes estudem incansavelmente a etimologia da nossa lingua, e, com a base etimológica, adoptemos uma ortografia. A ortografia

adoptada hoje oficialmente entre nós tem muito de arbitraria e pessoal»...

Lê-se, e não se acredita.

«Que estudem a etimologia»! Mas está estudada, sr. Diletante! Pois duvida? ; Pois supõe alguém, ingenuamente, que àqueles grandes etimologistas lhes faltou a «base etimológica»? que lhes seja necessário, ainda, ir estudar a etimologia? que fizeram o que fizeram — pelo facto de a ignorarem? que uma obra de tão grandes scienistas tenha muito, como diz, de arbitrário e pessoal? Mas foi exactamente por saberem muito — por saberem muitissimo de etimologia — que elles propuseram a reforma! A reforma é a consequência da sua sciência etimológica; a reforma é uma maravilha de saber etimológico. Aos criticos podiam dizer os autores dela — qualquer cousa semelhante ao que diz Deus no soneto de Antero:

muito antes de nascerem vossos pais...
sabia eu tudo isso — e muito mais!

O que devemos, os Portugueses não-filólogos, (como nós e o Diletante) aos autores daquela reforma, não é decerto a nossa critica, necessariamente ignaríssima: é o orgulho patriótico por tão bela obra nacional, de que o seu alto saber nos fez mercê.

Assim como Monsieur Jourdain passou a vida a fazer prosa, sem o saber, há, pois, quem há dōze anos possua o que quere (a rigorosa etimologia) sem dar por isso! ; Pois não seria muito melhor seguir o exemplo dos Integralistas, que logo adoptaram a reforma, — justamente porque foi feita segundo o principio da Competência? Quando não, não haverá meio de distinguir, por exemplo, entre um Boga de Cacilhas a pontificar sobre Cristianismo, e um diletante de Lisboa a pontificar sobre Economia, ou Pedagogia, ou Linguística. ; Que é a Demagogia, senão a revolta do Diletantismo contra a autoridade da Competência? Diletante, — demagogo manso; demagogo — diletante critico e aggressivo.

Nós, no caso do Diletante, em vez de chamar «retóricas», «incompetentes» e «arbitrarias» às pessoas competentissimas (o que é um deplorável emprêgo do tempo) faziamos três coisas: 1.^a, consagrávamo-nos a uma especialidade scientifica, para fazermos bem idea do que seja isso de Competência; 2.^a, pediamos perdão aos Filólogos, aos Pedagogistas e aos Economistas, desrespeitados nos seus artigos, da sem-cerimónia com que deles falou (acredite sua ex.^a que só lhe podia ficar bem); 3.^a não assoalhávamos, por uma estirada columna do Dia, a intimidade das nossas relações com o sr. Conde de Sabugosa, (pessoa de todo o respeito,

e de mais idade que o Diletante) para que nos não comparassem com aquele campónio, de quem fala Manuel de Melo num dos Apologos Dialogais, e que andava mostrando por toda parte, e a toda gente, uma carta que recebera de um compadre desembargador. Essas cousas, como todos sabem, fazem-nos parecer um burguês fidalgo, e o próprio conde, ao lê-las, será o primeiro a sorrir irónico — e bondoso. O verdadeiro gentleman não dá nas vistas: composto no gesto, pausado na fala, fugindo a discursar sobre a própria pessoa, respeita o saber e a competência alheia, abomina sempre o tom magistral, e em todas as formas do seu proceder se cinge à norma da Discreção — requintes, gradações, meias-tintas, a cuja percepção ex.^{mo} senhor, cumpre afaizer o nosso olhar. Revelam-se sempre os homens do mundo por mil pequenas subtilezas, que passam em geral despercebidas por quem não pertence à confraria, ainda que ande metido nela (há-os que andam metidos nela, e não lhe pertencem; há-os que lhe pertencem, e não andam nela: complicações!) Um dia censuraram Boileau por contrariar Luís XIV numa opinião sobre literatura; e Luís XIV, que o percebeu: «deixem-no dizer, deixem-no dizer; o nosso Boileau deve ter razão, porque conhece o assunto bem melhor do que eu». Não se dedignem os diletantes de seguir o exemplo de Luís XIV.

Não quisemos falar de v. ex.^a, sr. Diletante, nos termos desagradáveis que v. ex.^a usou com os autores do Apêlo e da Ortografia. Tudo nos leva a crêr que foi a pena que o serviu mal, e que quem dormiu nos seus artigos não foi o gentleman, mas o escritor. — A. S.